

Ferramentas digitais para personalização do aprendizado:

7 dimensões para implementação







Capítulo 1.

Gestão voltada para a personalização, 4

Capítulo 5.

Fácil adaptação ao ensino híbrido, 27

Capítulo 2.

Infraestrutura flexível, 9

Capítulo 6.

Parceria com as famílias, 33

Capítulo 3.

Professores prontos para metodologias ativas, 15

Capítulo 7.

Comunicação transparente e multidimensional, 39

Capítulo 4.

Cultura de aprendizagem digital, 20

Realizadores

Instituto Significare e Porvir, 46

Introdução

Desde que o ensino se tornou remoto ou híbrido em razão da pandemia do coronavírus (Covid-19), intensificou-se o uso da tecnologia no contexto educacional.

Alunos e famílias, educadores e instituições de ensino passaram a ter plataformas digitais gerindo suas vidas escolares. Essa experiência trouxe novas informações e dados sobre como a aprendizagem acontece e a personalização passou a ser vista como uma possibilidade para melhorar e tornar mais flexível o processo educativo. Mas o sucesso da implementação de qualquer mudança tecnológica na escola depende de diversos fatores.

Neste e-book, resultado da parceria entre Instituto Significare e Porvir, mostramos 7 dimensões fundamentais para o sucesso da personalização do ensino por meio de ferramentas tecnológicas. Com a contribuição de 7 especialistas e a experiência de 7 escolas, temos certeza que você vai entender por que adotar essa abordagem é importante para a aprendizagem dos seus alunos e o sucesso da sua instituição de ensino.



Gestão voltada para a personalização

As formas de promover a personalização do aprendizado, assim como a escolha de ferramentas a serem utilizadas, devem considerar o contexto da comunidade escolar e da linha de trabalho adotada pela instituição. Cabe ao gestor fazer um diagnóstico dos problemas e dificuldades apontados por estudantes e professores para entender quais intervenções são necessárias.

Para somar ao mapeamento, feito por meio da escuta abrangente de todos que serão impactados, é essencial fazer uma análise estratégica do PPP (Plano Político-Pedagógico). "As estratégias devem ser construídas no coletivo, porque o impacto é geral. O PPP precisa ser revisitado para que a tecnologia esteja de acordo com suas propostas", afirma Adriana Martinelli, diretora de conteúdo da Bett Educar. Em alguns casos, o documento precisará ser atualizado.



Dica: Gestores de escolas e redes públicas podem conhecer o perfil de seus professores e, assim, planejar de forma adequada, usando gratuitamente a ferramenta <u>Autoavaliação de Competências Digitais de Professores</u>, criada pelo Centro de Inovação para a Educação Brasileira.

Apenas com esses dois pressupostos atendidos, mapeamento da comunidade e revisão do PPP, o gestor pode partir para outras ações, como escolha da plataforma, adequar a infraestrutura e formar professores. A comunicação com as famílias, recomenda Martinelli, deve ser deixada para uma etapa final, quando a instituição já estiver bem estruturada e com apoio massivo do corpo docente.

Contudo, seguir todos os passos, com todo o cuidado necessário, não significa para o gestor "missão cumprida". A busca por promover um aprendizado personalizado por meio da tecnologia é constante e, portanto, requer sempre novas coletas de dados, análise de efeitos e buscas de soluções cada vez melhores.

"O gestor escolar precisa de uma nova postura: não deve avaliar se algo deu certo ou errado, mas sim como pode adequar. É diferente de construir uma quadra, algo que se planeja, executa e pronto. Nunca vai se chegar a uma solução final, porque na hora que se põe em uso algo inédito, outros desafios que não existiam começam a aparecer", explica Martinelli.



Na escola

Para a personalização fazer sentido para os alunos, ela tem que ser uma forma de trabalho presente no dia a dia dos gestores, defende Nathan Schmucler, diretor geral da rede Luminova, que desde sua criação, em 2019, tem uma proposta de ensino-aprendizagem personalizada. "Procuramos liderar pelo exemplo; os princípios da gestão seguem os termos para a formação dos estudantes", afirma.

A Luminova adota uma gestão colaborativa, que incentiva o protagonismo e oferece caminhos para os docentes e demais funcionários. "Eu não posso fazer um projeto que incentiva algumas pessoas da minha equipe, mas não se aplica aos restantes. Temos um time bastante diverso, em termos de experiências e pensamentos, por isso precisamos caminhar de formas distintas", diz o diretor.

Com plataformas que permitem a personalização, os professores da Luminova podem conhecer cada aluno com mais profundidade, calibrar estratégias e atualizar constantemente seus planejamentos. Eles são acompanhados por coordenadores, que também olham para informações individuais dos professores para entender em que ponto cada um precisa de ajuda. Em 2020, tendo como base um mapeamento interno, a gestão pedagógica desenhou três trilhas formativas diferentes para o corpo docente, de modo a atender a diferentes necessidades.



Resumo

- Personalização precisa estar de acordo com visão do plano político-pedagógico
- Gestor deve promover escuta atenta da comunidade para proposta ganhar sentido
- Processo n\u00e3o ter\u00e1 um final, pois requer aperfei\u00f3oamento constante



Infraestrutura flexível

Para o professor poder promover uma aprendizagem personalizada, ele precisa contar com uma infraestrutura adequada a esse tipo de proposta. Se o processo de ensino-aprendizagem vai oferecer múltiplos caminhos, as tecnologias e os espaços físicos devem permitir tal amplitude.

Um dispositivo com acesso à internet e bons softwares é o básico. Mas isso pode se dar de várias maneiras.

Em escolas com projeto de tecnologia avançado, é comum que um dispositivo, igual para todos, seja pedido na lista de materiais. Além de saber exatamente como cada aplicativo vai funcionar para os estudantes, há outras vantagens. "Para a escola, ter os dispositivos todos iguais e destinados aos estudos ajuda a garantir a segurança de dados", cita Henrique Uyeda do Amaral, especialista em educação e tecnologia, que já trabalhou com tecnologia em escolas, com formação de professores e é autor de materiais didáticos.

Ainda que esse formato não seja replicável em todas as realidades, o mais importante é que cada aluno tenha um dispositivo próprio, como o celular que a maioria dos alunos usa para acessar redes sociais. "Não precisam ser iguais, não precisam ser destinados exclusivamente aos estudos. Mas cada um ter o seu aparelho vai permitir a maior personalização, com flexibilidade de tempo e espaço", afirma Amaral. Quando nem isso for viável, a instituição pode promover como solução alternativa a oferta de salas de apoio, laboratórios ou bibliotecas conectadas, espaços onde os estudantes possam ter acesso no contraturno e horários livres.

Outra preocupação do gestor precisa ser garantir conectividade no ambiente escolar da forma mais ampla possível, para além de salas específicas. Em contextos de dificuldade de conexão à internet, deve-se partir para a busca de ferramentas digitais que possam ser usadas offline. Elas devem ser sincronizadas pontualmente, para entregar os dados aos professores.

organização do espaço físico também precisa estar alinhada à proposta de flexibilidade. "Para um aprendizado personalizado, faz sentido trabalhar em grupos menores, com alunos mais autônomos. Não vejo isso acontecendo numa sala de aula com carteiras enfileiradas, em que a comunicação é unidirecional. Temos que pensar num ambiente físico que privilegie a troca entre professor-alunos e alunos-alunos", recomenda Amaral.

Em outras palavras, para potencializar as práticas pedagógicas da personalização, a escola deve proporcionar um mobiliário leve, que possa ser

facilmente mudado de posição dentro de sala, assim como espaços diferentes, em termos de organização e tecnologias disponíveis, que docentes e alunos possam usar com autonomia.



Na escola

O Colégio Bandeirantes, em São Paulo (SP), vem construindo há mais de dez anos um modelo que privilegia a autonomia do estudante e uma aprendizagem personalizada. Tudo isso com base em ferramentas tecnológicas. Da parte da infraestrutura, essa proposta exige um investimento intenso. A começar pelas pessoas: hoje, são 18 funcionários diretos e 6 terceirizados apenas na equipe de tecnologia educacional.

A tecnologia, contudo, é para todos. O corpo docente tem um estúdio à disposição profissional para gravar aulas e resolução de exercícios, assim como pode receber formação para melhorar a atuação frente às câmeras. Os alunos podem assistir aos conteúdos feitos por seus professores quando, onde e quantas vezes desejarem.

24 funcionários no setor de tecnologia educacional

100% da área da escola coberta pelo Wi-Fi

3.600 dispositivos conectados simultaneamente no Wi-Fi*

2 Gigas de link de internet*

9 mil vídeos produzidos por professores

*número de antes da pandemia, quando as aulas eram 100% presenciais para todos

Porém, nem toda a infraestrutura seria suficiente sem a participação e a responsabilização dos alunos. O colégio aumentou, por exemplo, o número de tomadas para carregar dispositivos, mas o primordial foi estabelecer uma "parceria" com os estudantes. "Foi importante fazer um trabalho de conscientização dos alunos para trazerem as máquinas carregadas. Máquinas carregadas são tão importantes quanto lápis apontado", afirma Emerson Bento Pereira, Diretor de Tecnologia Educacional do Colégio Bandeirantes.

A infraestrutura tecnológica também diz respeito aos softwares. Como material didático, a escola usa pelo menos 40 aplicativos por série. Esses recursos já são pedidos logo no início do ano, na lista de materiais. Tudo isso significa mais flexibilidade e autonomia ao professor, que pode entregar um processo de aprendizagem personalizado. "O professor tem liberdade de escolher o material para suas aulas. A decisão não é centralizada, mas via de regra, decidimos juntos", explica Pereira.



Resumo

- Dispositivos individuais com bons apps garantem flexibilidade de local, tempo e linguagem
- Falta de equipamento e conectividade podem ser contornadas com compartilhamento e ferramentas offline
- Espaço físico também deve ser repensado para promover a personalização



Professores prontos para metodologias ativas

Professores prontos para metodologias ativas

Fatos científicos, pesquisas, bons argumentos, exemplos reais: é assim, a partir de uma fundamentação consistente, que se deve promover conversas com os professores para tratar de metodologias ativas. De forma geral, o professor deseja que seus alunos aprendam e vai aceitar experimentar novas formas de trabalhar se perceber que elas promoverão de fato mais desenvolvimento para os estudantes.

A sensibilização é, portanto, a base para a mudança de abordagem. "Se nós o sensibilizarmos, teremos um professor de mente e coração abertos para se imbuir dessas novas propostas. Até hoje, a maioria dos docentes tem uma formação inicial que os prepara para trabalhar com alunos que pensam e sentem igualmente, que têm um nível de desenvolvimento dentro do padrão esperado. Só que esse aluno só existe nos livros", afirma a neurocientista Nadia Bossa, coordenadora de mestrado da Florida Christian University, nos Estados Unidos.

Segundo a especialista, o professor sente diariamente a enorme diferença entre o aluno ideal e o aluno real, mas muitos não sabem como manejar em sala toda essa diversidade. "Cabe aos formadores de docentes apresentar argumentos científicos e coerentes, com propostas acessíveis, que mostrem como implantar um modelo que considere o aluno realmente um sujeito ativo, com as suas características particulares, em que ele seja o centro do processo de aprendizagem", diz.

Mesmo antes da pandemia, o professor já demonstrava uma sobrecarga. No entanto, precisa entender que tudo o que já sabe tem valor e não será "jogado fora" pelas metodologias ativas. Elas serão uma melhoria.

Pesquisa do Instituto Península mostrou que os professores ficaram cada vez mais cansados ao longo de 2020

Em maio, 35% dos professores se diziam cansados

Em agosto eram 46%

Em novembro eram 53%

Com o agravamento da pandemia e o abre e fecha das escolas, é fácil supor que esse índice tenha se mantido elevado

"Esse é o caminho da humanidade até agora: não se abandona o que já se conhece, mas o enriquece com aquilo que o estágio atual de desenvolvimento promoveu", afirma Bossa. A neurocientista defende ainda que trazer a tecnologia para promover metodologias ativas é um caminho sem volta, ainda mais depois da Covid-19. "Todos acabam aderindo aos avanços tecnológicos e os professores vão aderir ao mundo digital. Ninguém segue andando de carruagem pelas ruas em vez de usar o carro", exemplifica.

Na escola



A Casa L'Hermitage é um centro de formação continuada que atende 3.500 pessoas da comunidade escolar do Grupo Marista, com cursos variados, incluindo sobre a BNCC, metodologias ativas e ensino híbrido. "Nossa missão é em primeiro lugar cuidar das pessoas: do seu bem-estar, da sua formação, ajudá-las como for possível. Fazemos isso com processos que envolvem criatividade e inovação" afirma Michelle Ferreira da Costa, gerente de formação educacional da instituição. Para ensinar sobre tecnologias ou metodologias ativas, o "trunfo" da Casa é usar tecnologias e metodologias ativas durante a formação. Trata-se da homologia de processos. "Colocamos o professor

numa experiência que queremos que levem para os alunos. Pela experiência que ele teve, fica mais fácil ele levar para a realidade das suas aulas", relata.

Ano a ano, cada vez mais professores e outros profissionais da comunidade, como assistentes, coordenadores, bibliotecários, têm procurado as formações. Assim como o professor precisa constantemente rever seu currículo, a Casa L'Hermitage faz o mesmo. Há cursos novos, outros passam por adaptações e alguns deixam de ser oferecidos, conforme a necessidade do momento e os pedidos dos docentes. "As formações são flexíveis. Estamos sempre fazendo pesquisas para avaliar a efetividade e aplicabilidade", diz Costa.



Resumo

- Sensibilização dos docentes, por meio de evidências científicas, traz abertura a mudanças
- Cansados, professores precisam perceber que novas metodologias trazem um apoio, não cobrança extra
- Formações devem ter homologia de processos, usar as metodologias que propõem para os estudantes



Cultura de aprendizagem digital

É aos poucos, um passo de cada vez, que uma escola ou uma rede de escolas estabelecem uma cultura de aprendizagem voltada para o mundo digital e para a personalização. A mudança pode até mesmo começar de baixo para cima, com um pequeno grupo de professores que, com o tempo, inspira e estimula os demais.

O pesquisador finlandês Eikka Kurvinen, um dos criadores da ferramenta Eduten Playground (já disponível no Brasil), conta que, pela sua experiência, quando os primeiros adeptos das tecnologias passam a apresentar bons resultados, os demais acabam se interessando, o que gera um efeito em cascata. As resistências vão se diluindo naturalmente.

Cada professor também deve construir aos poucos sua cultura de aulas personalizadas.

"Quando eu faço treinamentos com docentes, digo para começarem com apenas uma lição por semana, com aquela que ele se sinta mais confortável. A adoção de uma ferramenta ou metodologia não deve ser um peso", aconselha.

Para redes de escolas, os melhores resultados costumam ser com a adoção paulatina de novas plataformas, como quando uma escola faz um projeto piloto, as demais percebem o impacto positivo e passam a pedir o mesmo recurso para sua unidade. Ainda que seja mais devagar do que uma decisão geral para todos, essa forma costuma trazer mais benefícios, pois todos se sentem parte do processo.

Em uma situação na qual a instituição de ensino integra um grande grupo educacional, o desenvolvimento de uma cultura digital acaba levando a uma diversidade de experiências conforme as pessoas vão se apropriando das tecnologias. Quanto mais consolidada a nova cultura estiver, mais ela abre espaço ao protagonismo e à autonomia de professores e alunos.

"Num esquema muito rígido de conteúdos, é mais difícil implantar ferramentas de personalização, porque não tem como entregar o mesmo para todos", explica o pesquisador. Um gestor que deseja escolher uma nova ferramenta digital precisa procurar opções que tenham flexibilidade, para se adaptar à realidade de cada turma, mas sem perder o contato com as metas das diretrizes curriculares, como a BNCC no caso do Brasil.



Saiba mais sobre Eduten

País de origem: Finlândia

Alcance: Presente em mais de 60 países, usado em 8 mil escolas

por 800 mil estudantes e 20 mil educadores

Principais características: Mais de 15 mil exercícios, adaptados ao ritmo e à aprendizagem do estudante, painel de análise de aprendizagem e impacto científico comprovado por meio de avaliação por pares.

Idade recomendada: 6 a 15 anos

Alinhada à BNCC: Sim

Disponível em Português: Sim

Versões: tablet e smartphone (Android/iOS) e Desktop

(Windows/MacOS/Navegador)

Representante no Brasil: Pro4Edu 🥂

Mais do que dominar plenamente as ferramentas e plataformas, os educadores devem entender o propósito delas. "Usá-la, conhecer suas funções, tem que ser muito fácil; as boas plataformas são desenhadas para isso. Nosso primeiro treinamento, o básico para operar a ferramenta, leva só uma hora. Mas o importante é que os professores entendam que não se trata simplesmente de dar jogos aleatórios para os estudantes", afirma Kurvinen.



Na escola

Desde que começou a pandemia, todas as escolas acabaram de alguma forma se abrindo mais ao digital, mas a cultura digital vai além da transmissão de aulas, garante Jorge Raniere Candido, diretor de tecnologia e inovação no Colégio Paraíso, em Juazeiro do Norte (CE). "Nosso colégio resolveu fazer a experiência com uma plataforma digital no ensino médio, com um material 100% digital", conta. O que os professores têm percebido nesse processo é a facilidade para flexibilizar conteúdos. "O professor de matemática conseque montar uma aula diferente para cada uma das turmas. A ferramenta traz uma análise personalizada também do comportamento do aluno: mede engajamento, participação, resolução de

exercícios, exploração do conteúdo - e sugere uma trilha com base nisso", afirma. Dessa maneira, dá mais autonomia tanto para o professor, quanto para o próprio estudante, que tem acesso aos seus relatórios.

A mudança, contudo, só foi possível e bem sucedida porque a instituição já vinha construindo ao longo dos últimos anos um ambiente propício para isso. "Desde 2016, estamos experimentando tecnologias e novas formas de promover o aprendizado. Temos ambientes para os alunos fazerem projetos de STEM (sigla em inglês para abordagem multidisciplinar de ciência, tecnologia, engenharia e matemática) e cultura maker, usamos abordagens como design sprint e design thinking, que são típicas da área de tecnologia", cita. Atualmente, há mais de 50 projetos de alunos em andamento.

Segundo Candido, os exemplos são o principal incentivo para que mais professores e alunos abracem a cultura digital. "Fizemos uma ação com toda a comunidade escolar na qual 10 estudantes apresentaram os projetos que estavam desenvolvendo. No final, convidamos a todos que tinham uma ideia de projeto a procurar um professor", cita ele.

Entre o corpo docente, ainda há algumas resistências, mas elas diminuem a cada ano. "Para se sentir parte da escola, a professor acaba mudando a forma de apresentar certos conteúdos, promove alguma flexibilidade, traz uma abordagem multidisciplinar", avalia.



Resumo

- Cultura digital vai além de dominar uma tecnologia; é preciso entender o propósito de cada ferramenta
- Mudança de paradigma é um processo no qual exemplos positivos inspiram os demais
- Consolidação da cultura digital promove flexibilidade e autonomia para professores e alunos



Fácil adaptação ao ensino híbrido

Um projeto pedagógico personalizado, em que cada aluno recebe orientações individualizadas, acaba se adaptando mais facilmente a um modelo de ensino híbrido, ora presencial, ora remoto, como tem sido necessário durante a pandemia. "Os modelos híbridos ainda são recentes na educação básica brasileira. As experiências durante a pandemia foram e ainda estão acontecendo num contexto excepcional, não por decisão pedagógica. As escolas que sabem trabalhar com um modelo híbrido ativo saem em grande vantagem em relação às convencionais", afirma José Moran, professor, pesquisador e designer de ecossistemas inovadores na Educação.

Embora o híbrido tenha chegado de fato na educação como resposta emergencial, o provável é que certos aspectos dele permaneçam, agora como uma escolha pedagógica. Moran prevê que a maior parte das atividades serão presenciais, com diversas combinações de integração com o digital, dependendo da idade e da realidade concreta da escola.

"As atividades digitais podem acontecer dentro da sala de aula presencial ou fora dela; de forma alternada ou simultânea: síncrona ou assíncrona em situações em que professores e alunos trabalham juntos num horário predefinido, ou em horários mais flexíveis; cada estudante no seu ritmo com tempos em que todos estão juntos com o professor", explica.

"O híbrido é um modo de vida que foi incorporado pela sociedade em todos os campos e que impacta também profundamente a reconfiguração da escola"

Professor José Moran



Segundo Moran, os modelos curriculares uniformes e lineares não fazem sentido numa sociedade com amplo acesso às informações, às redes sociais e a comunidades, e em que cada pessoa precisa resolver problemas complexos de forma rápida e eficiente. "Educação em espaços flexíveis significa que podemos redesenhar todas as possibilidades do aprender incorporando trilhas individuais em que cada aluno consegue realmente se desenvolver com mais autonomia no presencial e no digital", afirma.

O híbrido, contudo, não é exclusivamente individual. As plataformas digitais permitem também as diversas formas de aprendizagem em grupo, entre pares, através de projetos, jogos de forma síncrona e assíncrona com apoio de plataformas e aplicativos, mediação docente e apoio de tutores e mentores.

Um modelo que deve continuar popular é o da aula invertida, que combina a aprendizagem presencial com a digital para obter uma maior eficiência, pondera Moran. Os alunos estudam os materiais individualmente online antes, em casa ou na escola, e os discutem, aprofundam e aplicam em grupos e coletivamente na sala de aula.



Na escola

Já ter todos os alunos usando uma plataforma online de educação, ainda que de maneira pontual, facilitou a transição entre modelos no Colégio Santa Maria, em São Paulo (SP). Conforme a contingência exigida pelo avanço da pandemia, o modelo transitou do presencial, para o remoto e para o híbrido.

"Em março de 2020, em uma semana, a gente conseguiu que todos estivessem no ensino online", afirma Muriel Alves, coordenador de tecnologia da instituição. Mais tarde, para adotar o híbrido com parte dos alunos na escola, parte em casa, houve necessidade de adaptar a infraestrutura, para incluir câmera e equipamento de som nas salas.

Porém, certas mudanças já estavam acontecendo mesmo antes da pandemia, com reformas para tornar todos os espaços mais conectados e flexíveis. "A sala de aula tradicional não é suficiente para as novas metodologias, nem incentiva trabalhos colaborativos em grupo", diz Alves.

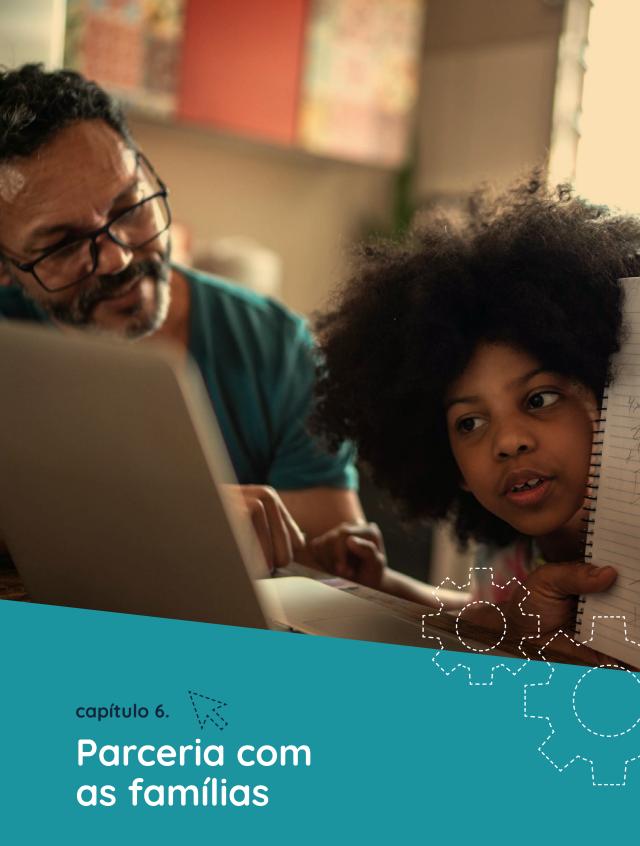
O Santa Maria está passando por uma transformação digital, que agora foi acelerada. Havia poucos anos, por exemplo, os alunos iam até o laboratório de informática para imprimir trabalhos e entregar aos professores. "Agora estão todos conectados na plataforma digital. Lá ele pode escrever, colaborar

com colegas, fazer exercícios individuais, e já enviar tudo diretamente para o professor", explica o coordenador. O docente, por sua vez, ganha a possibilidade de ver quanto cada um de seus estudantes trabalhou, onde estão suas dificuldades, acompanhando o desenvolvimento das turmas em tempo real.



Resumo

- Ferramentas digitais que permitem ensino personalizado facilitam também o modelo híbrido
- Múltiplas combinações de atividades presenciais e remotas podem ser adaptadas a cada realidade
- Proposta híbrida consegue abrigar tanto trilhas individuais como trabalhos colaborativos



Parceria com as famílias

Uma parceria produtiva entre escolas e famílias já era uma meta de instituições e governos em nome da melhoria da qualidade de aprendizado muito antes da pandemia. A impossibilidade de aulas presenciais, ainda que momentânea, veio a escancarar e intensificar essa necessidade.

Em novembro de 2020, um levantamento da Fundação Lemann, Itaú Social e Imaginable Futures indicou que os pais de alunos estão mais participativos e valorizam mais o trabalho dos professores agora do que antes da pandemia.

Participação e valorização

51% dos responsáveis consideram que estão participando mais da educação dos estudantes

72% dizem que estão com mais responsabilidade pela educação dos estudantes durante a pandemia

71% estão valorizando mais o trabalho desenvolvido pelos professores

importante que os docentes estejam disponíveis para correção de atividades e esclarecimento de dúvidas

Fonte: pesquisa Datafolha, encomendada pela Fundação Lemann, Itaú Social e Imaginable Futures, com dados coletados em outubro de 2020

Quando se trata de fazer os pais entenderem e colaborarem com novas visões pedagógicas, como a personalização, a consolidação da parceria precisa de estratégia e intencionalidade. O gestor precisa definir, por exemplo, os canais de comunicação com os pais.

"Isso vai depender do estágio de transformação digital em que se encontra a escola. Meu conselho é olhar para as ferramentas que já estão sendo usadas pela escola e pensar como aprofundar o potencial delas", afirma Leo Gmeiner, professor da FIAP (Faculdade de Informática e Administração Paulista), empreendedor e diretor do Comitê de Edtechs da ABStartups (Associação Brasileira de Startups).

Segundo ele, mais importante do que a ferramenta em si, é elaborar uma estratégia de comunicação proativa. A mudança de mentalidade é fundamental para que a adoção seja um sucesso. Contudo, por questões até mesmo de segurança de informações, o especialista recomenda evitar que redes sociais sejam o canal oficial de trocas com as famílias, ainda que em grupos fechados.

Como os pais "não foram treinados para ensinar", deve partir da escola a iniciativa de apresentar os dados e informações que respaldem suas escolhas pedagógicas.

A qualidade do conteúdo e a forma de apresentação são igualmente relevantes. "Se a escola tem jogos que dão relatórios sobre o desenvolvimento do estudante, eu devo enviar esse material para os pais. Os adultos todos precisam entender o que as crianças estão passando. Olhar individualmente, criança a criança, é muito diferente de falar para os pais de toda a classe. Posso dar notícias gerais, claro, mas também devo fazer comunicações específicas", afirma Gmeiner.



Na escola

O acompanhamento individual é para os alunos e também para as famílias na rede de colégios Pentágono, de São Paulo (SP). "O atendimento individual é para todas as famílias. Mesmo o aluno que está dentro do esperado, a gente pensa junto, vê se é possível propor mais desafios", conta a orientadora educacional Luciana Pellegrino.

Quando começou a pandemia, a necessidade de aproximação com as famílias se revelou ainda maior. "A gente tem uma plataforma de comunicação em que posta as rotinas diariamente: que aula cada aluno terá, quais materiais vai usar", cita a professora. Se o aluno não tem autonomia para se organizar sozinho, os pais têm as informações para ajudá-lo. Ao final de cada semana, há um tabela com um check-list, para os pais poderem acompanhar se todas as tarefas pedidas foram cumpridas.

Os professores estão se sentindo mais valorizados e os pais têm conseguido ajudar, sem deixar para eles a responsabilidade de transmitir formalmente nenhum conceito. "A nossa pretensão não é que o pai ensine. Não pedimos para fazer uma lista de exercícios com filho, mas colocar a criança em situação-problema no dia a dia, com brincadeiras lúdicas", diz.

Essas orientações chegam aos responsáveis tanto de forma geral, em encontros coletivos, como de forma personalizada, de acordo com a necessidade específica. Por exemplo, para um aluno que estava com dificuldade em entender sobre números pares, a professora orientou que a mãe o levasse para ajudar a contar os produtos da despensa, mas indo "de dois em dois", para ser mais rápido.



Resumo

- Instituição deve ter postura proativa e procurar famílias também individualmente
- Gestor deve escolher estratégia e canais de comunicação mais adequados para sua realidade
- Segurança é fator primordial: redes sociais são contraindicadas para comunicação oficial entre escola e família



Comunicação transparente e multidimensional

A escola pode fazer um ótimo trabalho do planejamento à implantação de uma cultura digital, da melhora na infraestrutura à formação de professores, mas o ciclo não está completo sem uma comunicação clara e fluida tanto para as pessoas diretamente ligadas à instituição quanto à sociedade de forma mais geral.

Por terem vivido experiências educacionais diversas, muitos adultos compreendem mal as abordagens e metodologias mais atuais. Cabe às instituições de ensino também "educá-los" para evitar embates. "Todo mundo já presenciou um professor exercendo sua profissão, então todos têm a impressão que sabem como é o jeito certo de fazer. É como se todos fôssemos um pouco professores. As famílias não acompanham as mudanças na ciência da educação ao longo de tempo", diz Ana Paula Manzalli, diretora da consultoria Sincroniza.

Omnichannel

Termo muito usado no comércio, omnichannel é o nome que se dá à estratégia de usar diferentes canais de comunicação simultaneamente, tanto online quanto offline, para melhorar a experiência do cliente.

A comunicação com famílias e sociedade sempre fez parte das atribuições dos educadores. De olho em melhorar o atendimento, as escolas precisam agora adotar uma estratégia de *omnichannel*, o que implica diversificar os canais para promover reuniões presenciais com os pais e palestras em formato online. Enviar comunicados em papel e na agenda digital. Mostrar os trabalhos em exposições físicas na escola e em redes sociais.

O uso das redes sociais pode ter fins pedagógicos, ao fazer os estudantes se sentirem valorizados com o grande alcance que seus esforços podem alcançar. "Muitas escolas ainda hoje mantêm blogs. A maioria entrou para o Facebook, algumas têm Instagram e até já começam a olhar para o TikTok", cita Manzalli. "São bons espaços para mostrar a produção dos estudantes. Uma escola que tem uma educação personalizada, seja com trabalhos que o estudante escolhe o tema, seja a forma de entrega variada, vai ter muito o que mostrar".

A própria produção de trabalhos escolares deve ser vista como mais uma oportunidade de a escola se comunicar com a comunidade. Um aluno que receba a tarefa de pesquisar sobre a história do seu bairro, que vá fazer entrevistas com um vizinho, com um avô, torna-se um porta-voz da sua escola. "Ajuda muito no envolvimento, pois se eu fui entrevistado, vou querer ver o resultado final, saber qual foi a nota", explica a diretora.

Em uma guinada para a personalização de ensino apoiada no uso de ferramentas digitais, não basta apenas envolver as famílias. As equipes de tecnologia e pedagógica precisam ser ouvidas e participar do processo de implementação de forma ativa.

Desta forma, consegue-se identificar dentro de cada área quem são os profissionais que precisam de apoio com formação e também aqueles que possuem conhecimento avançado e podem fazer a ponte com seus pares para facilitar com que o discurso de centralidade no aluno se torne uma prática constante e apropriada por todos.



Na escola

A Escola Interativa, em Londrina (PR), tem uma equipe de marketing que cuida das redes sociais, recebe famílias interessadas em visitar a instituição e produz uma revista virtual trimestral. Mas professores e coordenadores também estão incluídos nas estratégias comunicativas do colégio.

"Mesmo antes da pandemia, sempre fazíamos formações para as famílias, além das reuniões individuais, buscando formas de engajar no processo pedagógico", conta Leandro Meneses da Costa, coordenador do ensino médio e anos finais.

Agenda digital também já era uma realidade, mas com os alunos passando a estudar em casa, ela precisou ser "reforçada" para organizar melhor a rotina e evitar que alguns recados se perdessem. "Deu muito certo: percebemos que, com isso, a participação dos pais aumentou", relata

Como toda boa comunicação, as iniciativas da Interativa não se tratam apenas de enviar uma mensagem, mas estabelecer um diálogo. "A cada mudança de rotina, adoção de um novo recurso, explicamos nossas razões e os pais têm o caminho aberto, se sentem à vontade para fazer apontamentos. Temos encontros trimestrais com cada família, ouvimos as impressões de todos e organizamos pareceres sistemáticos, separados por temas", explica.

Essas avaliações produzem mudanças reais na escola. "Não adianta dizer que o projeto é esse e está acabado. No começo da pandemia, tivemos um feedback que foi um divisor de águas para a forma que estruturamos o ensino remoto. Hoje já não temos mais problemas com isso", afirma o coordenador.



Resumo

- Comunicação omnichannel é usar diferentes canais online e offline simultaneamente
- Redes sociais podem sim ajudar na educação ao dar visibilidade a projetos de estudantes
- Mais do que enviar mensagem, uma boa comunicação precisa estabelecer diálogo

Mensagem final

Ao longo deste e-book, você conheceu 7 dimensões para a implementação de ferramentas digitais capazes de personalizar o aprendizado de acordo com o ritmo e o interesse do estudante.

Pela experiência de 7 escolas espalhadas pelo país, também fica clara a importância da liderança escolar na criação de condições adequadas de infraestrutura tecnológica e de desenvolvimento profissional para nutrir diariamente uma cultura de aprendizagem digital.

Com os conceitos e exemplos aqui apresentados, sua escola estará pronta para superar os novos desafios da educação, seja ela presencial, híbrida ou remota.

Instituto Significare

O Instituto Significare iniciou suas atividades em 28 de abril de 2020, no Dia Mundial da Educação, com a missão de "potencializar e escalar a educação transformadora". Entre as iniciativas promovidas pelo Instituto está o Prêmio Professor Transformador, que em sua primeira edição selecionou 350 projetos pedagógicos por suas características transformadoras. Esses projetos, desenvolvidos por educadores de todo o Brasil, compõem o Banco de Práticas do Instituto Significare, que pode ser acessado gratuitamente a partir do site: www.significare.org.br

Para concretizar a sua missão, o Instituto Significare também promove outras atividades, dentre as quais: estudar e difundir estudos sobre métodos e práticas transformadoras de aprendizagem; apoiar e promover educadores e organizações educacionais que buscam desenvolver ações e projetos criativos e transformadores; fortalecer as conexões entre educadores, organizações educacionais e outros agentes transformadores da Educação; implementar ações educacionais transformadoras.

Porvir

O Porvir (**porvir.org**) é a principal plataforma de conteúdos e mobilização sobre inovações educacionais do Brasil. Desde 2012, mapeia, produz e difunde referências para inspirar e apoiar transformações que garantam equidade e qualidade na educação para todos os estudantes brasileiros. Mantido durante sete anos pelo Instituto Inspirare, em 2019 tornou-se uma organização autônoma e sem fins lucrativos.

O portal com mais de 240 mil usuários por mês, oferece:

- Notícias diárias sobre experiências, conceitos, ferramentas e tendências educacionais;
- Histórias de pessoas e casos de inovação em educação no Brasil e no mundo;
- Guias e conteúdos especiais com caráter formativo e orientador;
- Ferramentas de pesquisa e inteligência para apoiar professores, gestores educacionais e empresas de educação;
- Webinários, palestras e eventos para a troca de experiências e criação de redes;
- Conteúdos audiovisuais, como podcasts e vídeos.





Expediente do e-book

Edição: Vinícius de Oliveira | Texto: Luciana Alvarez Projeto gráfico e editoração eletrônica: Manuela Ribeiro

Entre em contato:

significare@significare.org.br ou contato@porvir.org

Gostou deste e-book? Baixe também:







